

Sumario

El autor presenta la iniciación cristiana como un proceso humano, un itinerario de fe y un camino litúrgico. Desde la fenomenología religiosa, enfoca la iniciación como un proceso profundamente humano que se realiza en el tiempo y en el espacio, con una preparación gradual, una adhesión personal de los candidatos y la iniciación de una nueva vida en la comunidad. La iniciación como itinerario de fe comienza en el catecumenado y culmina con la participación en el misterio de la fe celebrado en los sacramentos en la Vigilia Pascual. Finalmente, la iniciación cristiana como camino litúrgico contempla los tres sacramentos en íntima unión y mutuamente interrelacionados a partir del efecto específico de cada uno en el candidato. El autor concluye el artículo destacando el catecumenado como el paradigma de toda catequesis, en la línea del Directorio General de Catequesis.

Iniciação: Processo humano, itinerário de fé, caminho litúrgico

Antonio Francisco Lelo, Pbro.

Doctor en Liturgia, Profesor en el Centro Universitario Salesiano-UNISAL de San Pablo y en la Facultad Dehoniana en Taubate.

O tema da iniciação leva-nos a pensar o cristão plenamente identificado com a sua fé. Alguém maduro que descobriu a pérola preciosa do reino. Este artigo ressalta, a partir da fenomenologia da iniciação e da unidade que há entre os três sacramentos, algumas conseqüências que podem dar novo alento à pastoral da iniciação tanto por etapas quanto para a completude do processo daqueles já batizados, mas que não percorreram um caminho de fé e não receberam o selo do Espírito ou não chegaram à mesa da comunhão.

O estilo catecumenal é analisado nas três etapas do acontecimento sacramental pleno: itinerário de fé, celebração sacramental e iniciação aos mistérios (mistagogia), que mostra, exatamente, a rica interação entre anúncio, celebração e vivência do mistério da fé. Pressupomos as características desse estilo e identificamos alguns entraves que atualmente impedem sua afirmação nas várias etapas do processo.

Tratamos sobre as relações entre liturgia e catequese, particularmente estendendo o olhar sobre as publicações catequéticas brasileiras. Essa visão deve ser completada com as demais dimensões, principalmente: bíblica, metodológica, social e antropológica.

Processo profundamente humano

Atualmente, a fenomenologia religiosa trouxe à baila a amplitude do conceito de iniciação por que tal conceito enfoca a unicidade do processo que constitui o ser no tempo e no espaço. Promove a pessoa na comunidade como herdeira de seu patrimônio cultural, com identidade e estatuto social definidos.

O longo período deverá ser percorrido em suas três fases: antes, durante e depois da celebração ritual. Ocorre a preparação gradual com a revelação dos mistérios; adesão pessoal dos candidatos; morte

mística do iniciado revivida pela comunidade. O processo assegura a meta a ser alcançada — a passagem à vida nova, que desfrutará da nova identidade, do novo lugar da pessoa na comunidade, como ser adulto em que desempenhará novos papéis.

Ser iniciado nas diversas etapas da vida torna-se uma constante do comportamento humano; um processo de humanização que envolve aprendizagem e acolhida da herança do patrimônio social. A simbólica ritual é o veículo possibilitador da consciência de pertença ao grupo, da *re-ordenação* do universo, da passagem do caos à forma, ao cosmo. Os ritos iniciáticos participam do eterno retorno, do reviver mitos e arquétipos fundantes da vida e das sociedades.

A iniciação desencadeia uma série de mudanças que permitem à pessoa divisar um mundo com outros valores, com vistas a uma existência mais perfeita direcionada a uma missão. O neófito é reintroduzido no mundo com novos referenciais, com novos eixos de sentido de vida que o faz tomar consciência da própria existência.

O fenômeno da iniciação, analisado no campo social, comprova a extensão de seu alcance como processo de transmissão cultural, é essencial para a perpetuação dos grupos e das sociedades. Há os ritos sociais para introduzir as pessoas nas etapas da vida e em formas de convivência pré-determinadas: as fases da iniciação da criança até tornar-se um menino(a) de rua; o comportamento repetitivo da massa de jovens pobres das grandes cidades para conseguir o primeiro trabalho, estudar à noite; a prática dos hábitos noturnos de finais de semana...

Muitos jovens, hoje em dia, por outros caminhos e linguagens, são iniciados em estruturas e em maneiras de pensar que os levam a comportar-se de acordo com os interesses e valores dominantes.

A amplitude e a profundidade da iniciação mostram, possivelmente, a maior dificuldade do sistema sacramental atual: o vazio deixado por uma experiência de trânsito incompleta abre espaço para a carga simbólica do consumismo, da felicidade prometeica propiciada pela sociedade atual. O dado teológico-sacramental muitas vezes permanece em termos de explicação teórica, não leva a uma experiência profunda de ruptura com a infantilidade, o ser humano velho...

O conceito de iniciação mostra a unidade que há entre os processos que envolvem: adultos não-batizados, adultos batizados e não-evangelizados, adultos que levam suas crianças para ser batizadas, crisma de jovens e iniciação à eucaristia de pré-adolescentes. Afinal, a vida do cristão é uma no seguimento e configuração em Cristo. Todas essas etapas conjuntamente, não cada uma isoladamente, que produzem a identidade do cristão, como ser incorporado em Cristo e participante de sua missão no mundo.

O processo de iniciação cristã tem a finalidade de produzir a configuração do catequizando em Cristo, *eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20). A iniciação cristã coloca-se como um caminho a ser percorrido quando tal identidade vai sendo alcançada paulatinamente. Se na pastoral paroquial cada sacramento for considerado isoladamente, a consecução desse objetivo permanecerá cada vez mais distante.

As conseqüências desse princípio levam a repropor o modelo vigente da iniciação para gerar uma prática nova e superar o seccionamento das etapas. Levam, também, a formar os catequistas conjuntamente, salvo os conteúdos metodológicos de cada etapa. Conduzem, diretamente, os cuidados da pastoral para os milhares de adultos que, batizados na infância, não completaram a iniciação por não ter percorrido o catecumenato nem ter recebido a confirmação e/ou a eucaristia.¹

Essa conversão de mentalidade não se confunde com o modelo pastoral de conversão preocupado em celebrar os sacramentos às pressas. Aqui, deparamo-nos com o entrave histórico de assimilar, como único modelo válido, a iniciação por etapas, calcada numa visão de cristandade que reforça o efeito do sacramento (ação *ex opere operato*) isolado dos demais e do processo eclesial.

¹ BRUSTOLIN, Leomar Antonio & LELO, Antonio Francisco. *O caminho de fé. Livro do catequista*. São Paulo, Paulinas, 2006. No prelo.

Itinerário de fé

O *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)*, herdeiro da reflexão do Concílio, segundo *Ad gentes*, n. 14, assume a iniciação como um itinerário de fé que começa no catecumenato e culmina na participação do mistério da fé celebrado nos sacramentos da vigília pascal. Portanto ocorre uma estreita ligação entre sacramento da fé e anúncio da fé. Uma verdadeira interação entre anúncio da Palavra e sacramento da Palavra.

Considerada como parte da iniciação cristã, a catequese não é uma supérflua introdução na fé, nem um curso de admissão à Igreja, mas sim um processo, um itinerário prolongado de preparação e compreensão vital, de acolhimento e participação no mistério da fé, da vida nova revelada em Cristo Jesus e celebrada na liturgia.

A catequese não tratará todos os temas da vida cristã, mas de um todo elementar e coerente, que forneça base sólida para a caminhada cristã rumo à maturidade cristã. A catequese de iniciação ao mistério da fé não é algo intelectual, mas um fato, uma ação, uma experiência vital celebrada e realizada no rito sacramental.

O itinerário catequético, mesmo obedecendo à sequência da história salvífica ou aos artigos do credo, constituirá uma unidade a partir do anúncio catequético, da ritualidade própria de cada tempo e da conversão dos costumes. Segundo esse esquema:

Há uma relação íntima entre a fé, a celebração e a vida. O mistério de Cristo anunciado na catequese é o mesmo que é celebrado na liturgia para ser vivido: “pelos sacramentos a liturgia leva a fé e a celebração da fé a se inserirem nas situações da vida”.² Por essa interação, a vida cristã é discernida à luz da fé e desenvolve-se uma co-naturalidade entre culto e vida.³

² CNBB. *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo, Paulinas. 1989. Documentos da CNBB 43, n. 92. cf. *Puebla*, n. 922.

³ CNBB. *Diretório nacional da catequese*, 2005. Documento de trabalho, n. 108.

Nota-se, hoje, uma dificuldade acentuada de conferir ao sacramento o seu justo lugar no processo iniciatório e de reconhecer a realidade de que é portador. O eixo de sentido do processo de iniciação é dado pela celebração sacramental, não isoladamente, mas como ápice de toda a tarefa evangelizadora. Significado e realidade salvífica que somente eles podem conferir no tempo da Igreja. O que o anúncio e a Palavra explicitam, o sacramento sela, conferindo a graça transformante e unificadora pela ação do Espírito Santo, para ser vivida como resposta de adesão e de compromisso ao longo da existência da pessoa.

O *RICA*, ao restabelecer o itinerário de fé, evidencia bem a interação que há entre Palavra e sacramento. O critério da progressividade orienta e organiza as orações e os ritos preparatórios e fundamenta a qualidade do processo educativo. Durante esse tempo, a iniciativa humana será transformada pela graça de Deus e, pouco a pouco, o candidato é introduzido na Igreja, corpo de Cristo. Segue a direção do menor compromisso ao maior empenho, da escuta da Palavra e da mudança de costumes e prática de boas obras.⁴

O dinamismo da vivência teológica sustentado e animado pela formação integral permitirá, desde o tempo preparatório, uma comunhão cada vez maior com o mistério pascal, ou seja, uma participação efetiva na páscoa de Cristo, que antecipa a conformação em Cristo proporcionada pela recepção dos três sacramentos.⁵

Toda a preparação, em sua fase catecumenal e de purificação, converge para a recepção sacramental, as bênçãos, os exorcismos menores, como também aqueles relacionados aos escrutínios pedem a purificação e o crescimento do indivíduo para que possa receber os sacramentos e os seus frutos pela misericórdia do Pai.

Os sacramentos são um ponto de chegada da preparação e constituem, também, o ponto de partida para o maior aprofundamento do mistério cristão. A índole pascal, a vigília pascal, centro da liturgia cristã, com sua espiritualidade batismal, será o ápice desse processo.

⁴ Cf. LELO, Antonio Francisco. *A iniciação cristã. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo, Paulinas, 2005. p. 43.

⁵ Cf. *RICA*, n. 19.2.

A visão inadequada dos sacramentos motiva uma prática pastoral que não corresponde à identidade dos mesmos. Os sacramentos não nascem apenas de algum mandamento prescrito exteriormente; têm sua fonte na caridade de Cristo para a humanidade, Cristo que doa inteiramente sua vida, que, com o coração de Bom Pastor, veio para salvar a todos.

A dimensão transformadora da fé aparece como uma constante a ser ressaltada no culto litúrgico e na forma de pensar o simbolismo sacramental, “passa a ver os sacramentos como celebração da presença de Jesus no meio da comunidade e como compromisso com o reino”.⁶

Os efeitos de graça simbolizados pelo sacramento colocam-se em continuidade aos gestos libertadores de Cristo impulsionado pelo Espírito e estão destinados a gerar mais vida, a proteger e a salvar aqueles hoje ameaçados, tais como os que outrora foram alvo da solicitude do Salvador. A pessoa e a missão de Jesus constituem o fundamento da ação sacramental e mostram o vigor profético de sua atuação messiânica. Aqui está uma bela forma de apresentar os sacramentos, como símbolos continuadores da missão de Cristo de curar, salvar e evangelizar os pobres no tempo da Igreja (cf. Lc 4, 16-24).

A graça recebida nos sacramentos gera os frutos de justiça e de serviço aos pobres, que o Espírito inspira como seguimento do *caminho* aos discípulos. A prática de Jesus é continuada no mundo pela Igreja.

Deus continua sua obra criadora e salvadora no mundo; por isso, a partir de uma visão sacramental, a Igreja aprende “a descobrir e a reconhecer os sinais da presença de Cristo e da ação do Espírito” na história⁷ como lugar atual da revelação do Senhor. A razão desse princípio leva a Igreja ao encontro do ser humano em sua situação, procurando encarnar o Evangelho. “Esse dinamismo da encarnação faz a Igreja ser

⁶ CNBB, *Catequese renovada*. São Paulo, Paulinas, 1983. Documentos da CNBB 26, n. 305.

⁷ CNBB, *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1999-2002*. São Paulo, Paulinas, 1998. Documentos da CNBB 61, n. 78, (citando *Redemptoris missio*, n. 56).

evangelizadora no seu ser e agir, no que ela diz e faz, continuando a missão de Jesus até o fim dos tempos”.⁸

Tal visão sacramental elimina a cisão entre catequese e sacramentos, os quais recobram sua unidade e continuidade com o processo evangelizador e constituem o ápice da proclamação da fé na vida.

Podemos concluir que o catecumenato adquire feições próprias de um discipulado, do seguimento de Cristo, e consegue, assim, superar a histórica barreira da catequese concebida unicamente como doutrina e da liturgia como ato devocional ou cumprimento do dever de religião. O objeto é único: a configuração do ser no mistério da páscoa de Cristo.

Caminho litúrgico

A iniciação cristã concebe os três sacramentos em unidade e mutuamente referenciados desde o efeito específico de cada um. O batismo marca a configuração sacramental na morte de Cristo, na qual o fiel torna-se uma coisa só com Cristo, porque recebe seu Espírito e é incorporado nele. A configuração em Cristo significa que sua vocação de Servo de Javé e sua missão redentora continuam em todos aqueles que travaram aliança com ele.

A crisma destaca a dimensão pentecostal do mistério da Páscoa, capacita aquele que foi marcado como propriedade da Trindade, com os dons do Espírito para alcançar a maturidade espiritual e continuar a missão de Cristo nesse mundo.

Assim incorporados na Páscoa de Cristo, marcados com caráter sacramental, podem associar-se ao sacrifício do Senhor, aprendendo a oferecer-se a si mesmos, seus trabalhos e todas as coisas criadas com Cristo ao Pai, no Espírito.

590

A primeira eucaristia e as demais, especialmente aquelas dominicais, marcam a contínua participação no mistério pascal, levando a

⁸ Idem, *ibidem*, n. 79.

termo a configuração batismal como adesão filial ao longo de toda a existência cristã.

O acontecimento da Páscoa de Cristo alcança-nos no tempo, para que entremos em comunhão de vida e de morte com a entrega de Cristo para a salvação do mundo. Aqui tem sentido falar do culto espiritual que o cristão realiza em sua vida ao oferecer, em Cristo, seu trabalho e sua vida inteira ao Pai, na força do Espírito. Somos corpo de Cristo, e é o Cristo inteiro, cabeça e membros, que se oferece pela salvação da humanidade. Por isso, na Oração eucarística III, segundo a tradução brasileira, a assembléia responde: “Fazei de nós uma perfeita oferenda”.

A comunhão sacramental no sacrifício do Senhor é a maneira plena de o cristão participar da liturgia e alcançar a graça principal do sacramento: *quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele* (Jo 6,56). Ou então, como dizia santo Agostinho: “Seja o que vocês vêem no altar e recebam o que de fato vocês são: corpo de Cristo” (sermão 272).

Assim, passamos a compreender a frase paulina: “*Completo, na minha carne, o que falta às tribulações de Cristo em favor do seu corpo, que é a Igreja* (Cl 1,24). Enquanto o cristão não assumir a dinâmica pascal em sua vida, será um cristão de verniz, como acena a *Evangelii nuntiandi*, n. 20: “Importa evangelizar — não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade, e isto até às suas raízes”.⁹

A mútua referência dos três sacramentos é pouco matizada nos livros de catequese. É este dinamismo referencial, justamente, que garante a unicidade de todo o processo, fundamenta a identidade do ser cristão e projeta-a como tarefa pascal a ser cumprida ao longo de toda a existência do fiel. A *Instrução sobre o culto do mistério eucarístico*, em sua primeira parte, ao apresentar os princípios gerais a serem observados na catequese do povo sobre o mistério eucarístico, orienta nesse sentido:

⁹ PAULO VI. Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo, Paulinas, 1976.

Explique-se, na catequese, a doutrina a respeito do sacerdócio real pelo qual os fiéis, em virtude da regeneração e da unção pelo Espírito Santo, são consagrados (n. 11);

A ação dos fiéis na Eucaristia consiste em dar graças a Deus, recordando a sagrada Paixão, a ressurreição e a glória do Senhor, e em oferecer a imaculada hóstia, não somente pelas mãos do sacerdote, mas também junto com ele (n. 12);

Que (a preparação de crianças à primeira eucaristia) realmente apareça como perfeita inserção no corpo de Cristo (n. 14).

Iniciação aos mistérios

A iniciação aos mistérios leva à participação litúrgica como continuado exercício sacerdotal, à necessidade de anunciar o reino e à edificação da comunidade eclesial. Faz-nos entender a espiritualidade litúrgica como raiz e fonte da vida cristã, enquanto possibilita a participação repetida no mistério pascal e estabelece o processo existencial de conformação de nossa vida em Cristo.

A linguagem litúrgica possui expressões e método próprio de que a catequese poderá se enriquecer colocando-se a serviço do mistério comunicado para que seja frutuoso na vida do fiel, pois reza com a boca e entende com o coração.¹⁰

O método mistagógico parece pouco explorado e, conseqüentemente, a interação: anúncio do mistério, celebração e vivência dá-se por subentendida. Porém os sacramentos e a liturgia não recebem seus devidos lugares. A reiterada insistência atual sobre a pedagogia ou inspiração catecumenal deverá contribuir para tal superação. O *Diretório nacional da catequese*, nn. 109-110 traz excelentes indicações que implementam a catequese em estreita união com a liturgia.

¹⁰ Cf. LELO, Antonio Francisco. Mistagogia: participação no mistério da fé. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 257, pp. 64-81, jan/ 2005.

O aprofundamento da mistagogia, enquanto inserção no mistério da fé, leva-nos a tomar alguns cuidados na catequese, os quais nem sempre são estimulados. A educação dos gestos e dos símbolos empregados na liturgia leva-nos a valorizar o significado do rito celebrado. Um bom método é partir do sentido antropológico daquele sinal (do significado corriqueiro e cotidiano), em um segundo nível notar como aparece na Bíblia e, depois, analisar o significado que adquire ao ser usado na celebração. Desses três níveis, chegamos a um quarto: extraímos o compromisso cristão que o mesmo rito anuncia, celebra para suscitar a fé vivida.¹¹

No *RICA*, a mesma catequese proposta no tempo catecumenal, mesmo sem tratar diretamente dos três sacramentos, tem o caráter mistagógico na medida em que busca ser integral e alcançar todas as faculdades humanas: a razão, os sentimentos, a vida de oração e o testemunho cristão, de tal modo que todo o ser do candidato tenha como referência orientativa a pessoa de Cristo, o modelo perfeito.

Uma catequese ligada com a celebração da Palavra, que sabe mover-se por meio de sinais litúrgicos ou referir-se a eles com dados de experiência e com as estruturas portadoras de uma fé vivida na comunidade. Pela catequese, disposta em etapas, relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra, os catecúmenos chegam à íntima percepção do mistério da salvação.

É uma catequese tipicamente “econômica”, penetrada por uma visão da história da salvação, como se observa na continuidade dos dois testamentos, na inspiração histórico-salvífica e eclesiológica da reflexão trinitária. Tal sentido unitário e existencial da história da salvação favorece a unidade orgânica entre Escritura, liturgia, catequese, pastoral e vida cristã.¹²

(A catequese litúrgica) explica o conteúdo das orações, o sentido dos gestos e dos sinais, educa à participação ativa, à contemplação e ao silêncio. As fórmulas litúrgicas (particularmente as orações eucarísticas)

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² Cf. SARTORE, D. Catequese e liturgia. In: TRIACCA, A. M. & SARTORE, D. (Org.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo-Lisboa, Paulinas-Paulistas, 1992. p. 177.

são ricas de conteúdo doutrinal, expressam o mistério celebrado: a catequese que leva os catequizandos à sua maior compreensão deve ser considerada “uma eminente forma de catequese”.¹³

Vale a pena voltarmos a uma catequese que privilegie o uso de símbolos, assim como, são celebrados no culto litúrgico. Do contrário, todo sinal ou simbologia indiscriminadamente, terá lugar na catequese, porém o catequizando não encontrará elementos para fazer a ligação com o gesto propriamente litúrgico e a celebração continuará enigmática, algo especializado e fastidioso. Excelente indicação prática apresenta a *Instrução sobre o culto do mistério eucarístico*, n. 14: “A catequese sobre a eucaristia, adaptada à idade e índole das crianças, deve transmitir, por meio dos principais ritos e orações, o significado da missa, mesmo no tocante à participação na vida da Igreja”.¹⁴

Constatamos, freqüentemente, nas edições catequéticas, a apresentação de um excelente roteiro de catequese, porém a metodologia empregada quase sempre não dispõe de nenhum plano de educação litúrgica correspondente aos temas tratados. Há uma criatividade que lança mão, aleatoriamente, de todo tipo de oração ou simbolismo, sem relacionar à vivência do rito litúrgico, ou mesmo sem preparar a pessoa para experienciá-lo. Produz-se uma ruptura entre rito e anúncio.¹⁵

Aqui, surgem temas próprios da liturgia a serem desenvolvidos na catequese: que é a assembléia litúrgica; os três tempos da revelação; figura e realidade; as partes da celebração eucarística (ou sacramental); a dinâmica da celebração da Palavra; a liturgia como exercício do sacerdócio de Jesus Cristo e ação nossa em conjunto com ele presente na celebração, pela força do Espírito Santo; a compreensão dos ritos e símbolos como reveladores da ação pascal de Cristo e experiências de encontro com o Ressuscitado etc.

¹³ CNBB. *Catequese renovada*, n. 110.

¹⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Instrução Eucharisticum mysterium*. São Paulo, Paulinas, 2005.

¹⁵ Embora as orientações da CNBB venham numa direção de plena interação entre a celebração e a catequese. Cf. CNBB. *Textos e manuais de catequese. Elaboração, análise, avaliação*. São Paulo, Paulus, 1987. Estudos da CNBB 53, nn. 95-103.

A catequese, normalmente, apresenta os temas da história da salvação: criação, êxodo, profetas, Jesus Cristo, Espírito Santo, Igreja, sacramentos. A celebração litúrgica mostra a unidade da história da salvação entre o tempo das profecias (Antigo Testamento), a realização das promessas por Cristo (sua vida e o mistério de sua Páscoa) e o tempo da Igreja (continuador das obras e missão de Cristo). Tal unidade somente é possível porque é o único Espírito que atua em toda história, faz do nosso tempo, *kairós*, tempo de graça; e dos acontecimentos de nossa vida, história de salvação. Pela ação do mesmo Espírito, a celebração do sacramento dá seguimento à única história de Deus centralizada na Páscoa de Cristo na vida dos seres humanos.

Nos textos catequéticos do Brasil, um deslize muito comum é não encontrar o nexos fundamental entre história da salvação e acontecimento salvífico celebrado no sacramento. Por exemplo: muitos deles apresentam, de forma inadequada, ou não ressaltam suficientemente a ligação êxodo - morte e ressurreição de Cristo - última ceia. A eucaristia passa a ser tratada como continuidade da última ceia, chegando-se a afirmar que é sacramento da ceia do Senhor. O sacrifício de Cristo ficou esquecido lá atrás, quando se estudou a crucificação de Jesus, prefere-se continuar com a dicotomia entre sacramento e sacrifício. Deixa-se de lado o esforço atual de apresentar a eucaristia como memorial pascal, sacrifício sacramental da morte e ressurreição do Senhor.

Não se associa o sinal sacramental com o seu conteúdo. Deixa-se de entendê-lo como realização atual da única história da salvação. O sacramento é visto parcialmente, sob os efeitos que produz e sem continuidade com os conteúdos tratados anteriormente. Dessa forma, o sacramento acaba tendo vida própria; a história da salvação e a obra sacramental passam a ser coisas diferentes. Não se parte de Cristo, sacramento original do Pai e da Igreja, seu sacramento principal.

Conclusão

O *Directorio Geral da Catequese*, nn. 90-91, estendeu o catecumenato como paradigma de toda a catequese; também identificou os principais elementos que conferem o estilo catecumenal a ser aplicado na catequese de iniciação por etapas.¹⁶ Vimos, também, que, para haver

uma iniciação cristã de forma completa, há de ocorrer a experiência catecumenal e a recepção dos três sacramentos iniciais. Isso deverá ocorrer seja com adultos não-batizados ou que não completaram a iniciação, seja com crianças, seja com jovens na iniciação por etapas.

A excelência desse modelo de pedagogia da fé deve acontecer em toda etapa. A tendência atual é que surjam verdadeiros itinerários de iniciação sacramental, particularmente para adultos e jovens crismados.

O estilo catecumenal requer uma mentalidade pastoral que opta pelo planejamento e pela formação permanente de catequistas, que compreenda a unidade do processo e enxergue nele o fundamento da vida e da ação dos cristãos na comunidade. Isso significa desconstruir mentalidades e esquemas pastorais baseados em visões sacramentais ultrapassadas que tentam se manter numa cultura de cristandade já extinta.

O presente artigo alertou para a necessidade de os textos catequéticos apoiarem-se em uma teologia litúrgica consistente que dê contas de, paulatinamente, introduzir o catecúmeno, o eleito e o neófito na celebração do mistério da fé.

Há a necessidade precípua de propor a liturgia como espiritualidade articulada na relação anúncio, celebração e vivência da fé. Nesse caso, os sacramentos são sinais libertadores que plenificam de sentido o caminho de fé, e a iniciação torna-se, de fato, discipulado, concretização do seguimento de Cristo. Outra tarefa consiste em superar o ritualismo mágico, o dever servil religioso do culto e o devocionalismo para dar lugar a uma teologia verdadeiramente bíblica, respeitosa da cultura popular e profundamente celebrativa, portanto conectada com a linguagem litúrgica.

¹⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Directorio geral da catequese*. São Paulo, Loyola-Paulinas, 1998.



A catequese, tomando esse rumo, necessitará de um perfil de catequista com ampla formação, capacitado para o diálogo fé e cultura. Mais do que nunca, impõe-se uma nova visão de formação dos leigos. Somente boa vontade e conhecimentos fragmentados não bastam diante do desafio a ser enfrentado com os adultos. Há de pleitear-se a formação sistemática dos catequistas; elaborar projetos claros de formação continuada, respeitando os níveis dos catequistas.

Uma catequese adulta gera uma Igreja adulta, isto é, com forte protagonismo dos leigos, marcada pela ministerialidade (própria do modelo catecumenal) e pelo diálogo respeitoso e frutífero entre o presbitério e os leigos capacitados para a obra da evangelização.

